



POLÍTICAS CULTURAIS E NEGÓCIOS URBANOS: A INSTRUMENTALIZAÇÃO DA CULTURA NA REVITALIZAÇÃO DO CENTRO DE SÃO PAULO, 1975-2000

KARA-JOSÉ, BEATRIZ.

SÃO PAULO: ANNABLUME/ FAPESP, 2007, 278 p.

ISBN: 85-7419-673-2

Daniela Sandler

“CRÔNICA DE UMA MORTE ANUNCIADA?”

Em maio de 2007, a prefeitura de São Paulo anunciou o leilão de 103 mil m² na Cracolândia, na área da Luz. O leilão combina desapropriação e benefícios fiscais para favorecer um investimento imobiliário privado de grande porte¹. O anúncio pode ser lido como a coda triste para o livro *Políticas culturais e negócios urbanos: A instrumentalização da cultura na revitalização do centro de São Paulo, 1975-2000*, de Beatriz Kara-José, lançado em março de 2007. A autora revela os esforços do governo e da iniciativa privada para promover a gentrificação, valorização imobiliária e transformação espacial do centro paulistano. O livro também denuncia as conseqüências desses planos: exclusão social, agravamento de disparidades econômicas, redução do potencial emancipatório da cultura e perda de patrimônio histórico. A despeito da delimitação temporal, os processos descritos estão em pleno curso. As análises lúcidas e embasadas, estruturadas na progressão clara dos capítulos e generosamente ilustradas com mapas, tabelas e fotografias, fazem do livro uma excelente contribuição à literatura recente sobre centros históricos, cultura e desigualdade². A atenção da autora às leis de incentivo cultural é única, avançando o tema para além dos suspeitos usuais (forças do mercado, globalização) e iluminando a dimensão política da requalificação urbana.

O livro começa com um histórico dos planos para reverter a degradação ambiental e disparidades sociais do centro desde 1975. Os planos são situados com relação às condições específicas de São Paulo, enfocando os usos da cultura no planejamento urbano e também ao contexto internacional de valorização de áreas históricas (p. 35-36). Essa vinculação de tendências globais à realidade local torna-se evidente no segundo capítulo, a focar os anos 90. O neoliberalismo e a globalização se combinam à influência de planejadores internacionais e suas “histórias de sucesso,” como a Barcelona de Jordi Borja. O objetivo do governo e de agentes privados como a Associação

(1) Cracolândia vai a leilão para virar bairro. *Folha de São Paulo*, 19 de maio de 2007. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1905200701.htm>.

(2) Ver Heitor Frúgoli Jr. *Centralidade em São Paulo: Trajetórias, conflitos e negociações na metrópole*. São Paulo: Cortez/Edusp, 2000; *International Journal of Cultural Policy*, edição especial: Urban space and the uses of culture, v. 10, n. 1, 2004; *Urban studies*, v. 42, n. 4-5, 2005; e, por Graeme Evans, *Cultural planning: An urban renaissance?* Londres: Routledge, 2001.

Viva o Centro é, agora, não apenas reformar o espaço urbano ou estimular sua economia, mas também usar o centro para “imprimir valor de marca” na cidade e promovê-la como pólo global (p. 96-105)³.

Esse aspecto simbólico é fundamental para o argumento central da obra, que identifica a instrumentalização da cultura como bom negócio, artifício publicitário, e, finalmente, “*meio de revalorização urbana*” (p. 118). Kara-José critica a instrumentalização por colocar “*a cultura como esfera externa aos sujeitos sociais*” (p. 258), escamoteando sua dimensão política e resultando em exclusão social. Como contraponto, a autora defende as tentativas de colaboração entre políticas culturais e urbanas propostas na gestão municipal de Luiza Erundina. A autora observa, nessa colaboração, a possibilidade de participação social, permitindo que grupos sociais sejam integrados à produção tanto do espaço como da cultura.

Um dos aspectos mais instigantes e originais do livro é a conexão feita pela autora entre a requalificação urbana do centro e as leis de incentivo fiscal à cultura, como a Lei Rouanet. Kara-José explica, em detalhes, os diversos procedimentos legais, decretos e benefícios financeiros com os quais o governo estimula iniciativas culturais. Os incentivos fiscais entregam ao mercado decisões sobre cultura e cidade, em uma suposta seleção natural dos projetos mais bem adaptados. A autora revela que não há nada de “natural” nessa seleção. A conjugação dos incentivos fiscais aos planos de requalificação urbana é parte do que Neil Smith chama de “novas estratégias urbanas globais”, nas quais o estado se torna “parceiro ativo do capital global” para promover gentrificação⁴.

O capítulo final ilustra esses processos com a análise do Pólo Cultural Luz e do Projeto Luz-Monumenta, cujos planos de transformar a Luz por meio de equipamentos culturais de elite ignoram as necessidades da população do bairro, em grande parte formada por moradores de baixa renda, crianças de rua e pequenos comerciantes. A autora indica que os planos não pretendem solucionar os problemas sociais, mas simplesmente varrê-los para fora da área. Tentativas de reivindicar moradia decente não só não foram atendidas, como foram reprimidas com violência (p. 251-252).

Kara-José critica a privatização de decisões urbanas como excludente, talvez pressupondo um poder público regulador dos excessos do mercado e capaz de corrigir injustiças sociais. No entanto, a obra demonstra que o governo pode ser um agente poderoso de exclusão, dependendo do projeto político vigente. Qual seria a solução: mais controle estatal ou participação maior de setores da sociedade civil para além do empresariado? Esta última possibilidade é sugerida nas Considerações Finais, a descreverem uma esfera pública em que grupos diversos podem lutar por seus direitos (p. 259-260), mas o argumento está apenas esboçado. Uma exposição mais detalhada dos movimentos sociais como o Fórum Centro Vivo (p. 124-126) poderia ilustrar as possibilidades de participação política e social. Seria interessante também uma explicação mais concreta de *como* a cultura pode possibilitar uma cidade mais justa e democrática, com exemplos mais recentes de projetos culturais emancipatórios, fazendo jus ao próprio projeto do livro. Afinal, é patente que a autora procura dar voz a grupos excluídos — não à toa, a frase final do livro não é sua, mas de

(3) Ver também Jule Barreto e Regina Proserpi Meyer: Muito além do mercado: Entrevista com Jordí Borja, *Urbs*, October 1997, p. 18.

(4) SMITH, Neil, New globalism, new urbanism: Gentrification as global urban strategy. *Antipode*, v. 34, n. 2, 2005, p. 428.

uma moradora de baixa renda. É justamente essa postura generosa e engajada por uma cidade mais justa que faz do livro uma contribuição esperançosa, e não apenas a crônica de uma morte anunciada.

Daniela Sandler

Arquiteta pela FAUUSP e doutora em Estudos Culturais e Visuais e História da Arte pela Universidade de Rochester (EUA). Atualmente é professora de História da Arquitetura e Urbanismo na Rhode Island School of Design, em Providence (EUA).

e-mail: daniela.sandler@gmail.com